



ESG e a performance financeira no setor de energia no Brasil:
Análise das empresas de energia renovável versus empresas
tradicionais do setor¹

ESG and Financial Performance in the Brazilian Energy Sector: An
Analysis of Renewable Energy Companies versus Traditional Firms

ESG and financial performance in the Brazilian energy sector: An
analysis of renewable energy companies versus traditional companies in
the sector.

Davi Frazão Monteiro²

Raphael Miranda Barros³

Robert Theo Ribeiro Ferreira⁴

Vinicius Nunes Pereira Dos Reis⁵

João Conrado De Amorim Carvalho⁶

RESUMO

Analisar a relação entre práticas ESG (Environmental, Social and Governance) e a performance financeira de empresas do setor energético brasileiro. O estudo busca compreender em que medida a adoção de políticas de sustentabilidade e governança impacta o retorno econômico de empresas tradicionais e de energia renovável. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa e documental, fundamentada na análise de conteúdo dos relatórios financeiros e de sustentabilidade de companhias selecionadas entre 2020 e 2024. Foram comparadas a Petrobras S.A., representando o segmento tradicional, e a Serena Energia S.A., representando o segmento renovável. Os resultados demonstram que as empresas tradicionais apresentam maior rentabilidade no curto prazo, decorrente de estrutura de capital consolidada, enquanto as renováveis evidenciam maior aderência às práticas ESG e potencial competitivo sustentável no longo prazo. Conclui-se que o

¹ Artigo apresentado à disciplina de Gestão Financeira e Orçamentária do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB.

² Graduando do 5º Período do Curso de Administração do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB. E-mail: 002-026138@aluno.undb.edu.br.

³ Graduando do 5º Período do Curso de Administração do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB. E-mail: 001-007988@aluno.undb.edu.br.

⁴ Graduando do 5º Período do Curso de Administração do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB. E-mail: 002-026244@aluno.undb.edu.br.

⁵ Graduando do 5º Período do Curso de Administração do Centro Universitário 3Unidade de Ensino Superior Dom Bosco 0 UNDB. E-mail: 002-026191@aluno.undb.edu.br.

⁶ Professor Mestre. Docente do Curso de Administração do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB. E-mail: joao.carvalho@undb.edu.br.



ESG constitui fator estratégico de diferenciação e de mitigação de riscos, sendo determinante para o posicionamento de mercado e para a criação de valor em um contexto de transição energética.

Palavras-chave: ESG. SUSTENTABILIDADE. DESEMPENHO FINANCEIRO. SETOR ENERGÉTICO. GOVERNANÇA CORPORATIVA.

ABSTRACT

To analyze the relationship between ESG (Environmental, Social and Governance) practices and the financial performance of companies in the Brazilian energy sector. The study aims to understand the extent to which the adoption of sustainability and governance policies affects the economic returns of traditional and renewable energy companies. This is a descriptive and exploratory research with a qualitative and documentary approach, based on content analysis of financial and sustainability reports from companies selected between 2020 and 2024. Petrobras S.A. was analyzed as a representative of the traditional segment, and Serena Energia S.A. as a representative of the renewable segment. The results show that traditional companies achieve higher short-term profitability due to consolidated capital structures, while renewable ones display stronger ESG adherence and long-term competitive potential. It is concluded that ESG represents a strategic factor for differentiation and risk mitigation, being essential for market positioning and value creation in the context of the ongoing energy transition.

Keywords: ESG. SUSTAINABILITY. FINANCIAL PERFORMANCE. ENERGY SECTOR. CORPORATE GOVERNANCE.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões sobre sustentabilidade empresarial e responsabilidade corporativa têm ganhado centralidade nos debates acadêmicos, políticos e empresariais. A crescente preocupação com as mudanças climáticas a escassez de recursos naturais e as demandas sociais mais complexas levaram governos, organizações e o mercado financeiro a cobrarem das empresas uma postura mais responsável diante a agenda ESG (Environmental, Social and



Governance), que propõe critérios mensuráveis para avaliar o comprometimento das corporações com práticas sustentáveis e éticas. Mais do que uma tendência, o ESG tornou-se um parâmetro de competitividade global, sendo incorporado às decisões de investidores institucionais e utilizado como métrica de valor no mercado de capitais (Friede; Busch; Bassen, 2015; Khan; Serafeim; Yoon, 2016).

A ausência de políticas ESG eficazes pode gerar resultados negativos como perda de reputação, multa por descumprimento de obrigações ambientais e sociais e afastamento de investidores que priorizam portfólios sustentáveis. No setor de energia, isso se manifesta pela dificuldade de captação de recursos e pela pressão que o governo impõe para reduzir emissões e aumentar a transparência nos relatórios corporativos.

O setor de energia por sua natureza estratégica e intensiva em recursos, ocupa papel central nesse debate. O Brasil, como país em desenvolvimento e detentor de uma matriz energética diversificada, apresenta particularidades que tornam esse tema especialmente relevante. De um lado, há empresas tradicionais ligadas a combustíveis fósseis e modelos de geração não renovável, que historicamente têm maior representatividade econômica, mas enfrentam críticas devido ao impacto ambiental e à necessidade de adaptação às metas de carbonização. De outro, surgem empresas voltadas à geração renovável, como a eólica, solar e biomassa, que se alinham diretamente às expectativas de sustentabilidade, mas que também enfrentam desafios de escala, investimento e retorno financeiro em mercados competitivos.

Esse cenário coloca em evidência uma questão-chave: até que ponto a adoção de práticas ESG impacta, de forma mensurável, a performance financeira das empresas do setor energético no Brasil? Além disso, quais fatores limitam a adoção de práticas ESG nas empresas desse setor, especialmente nas de pequeno e médio porte? A literatura internacional apresenta evidências de que empresas com maior aderência a critérios ESG tendem a apresentar menores custos de capital, maior resiliência em períodos de crise e uma relação positiva entre sustentabilidade e rentabilidade de longo prazo (Friede; Busch; Bassen, 2015; Khan; Serafeim; Yoon, 2016). Contudo, esses resultados não são consensuais, e diferentes contextos setoriais e regionais podem alterar significativamente a força dessa correlação.

No Brasil, pesquisas sobre ESG vêm crescendo, sobretudo a partir da pressão de investidores estrangeiros e da incorporação de índices de sustentabilidade em bolsas de valores, como índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da B3.



Entretanto, ainda há uma lacuna de estudos comparativos específicos que analisem, dentro do setor de energia, as diferenças entre empresas tradicionais e empresas de energia renovável quanto à relação entre ESG e performance financeira. Essa lacuna é relevante pois o setor energético brasileiro está em constante transformação, impulsionado tanto pela necessidade de diversificação da matriz quanto por pressões regulatórias e de mercado, que exigem transparência e práticas alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela ONU.

A construção do problema de pesquisa nesse contexto parte do reconhecimento de que o ESG não pode ser visto apenas como um instrumento de reputação corporativa, mas como um possível determinante do desempenho econômico das organizações. Se por um lado, empresas de energia renovável têm, em teoria, maior facilidade em alinhar suas atividades às práticas ESG e por outro lado empresas tradicionais dispõem de maior capital e infraestrutura consolidados, o que pode gerar vantagens financeiras que não necessariamente se refletem em maior sustentabilidade (Müller; Silva, 2023).

Assim, a problematização central deste estudo pode ser formulada da seguinte forma: Em que medida as práticas de ESG influenciam a performance financeira de empresas de energia renovável em comparação às empresas tradicionais no setor energético brasileiro?

Partindo da literatura sobre sustentabilidade corporativa e desempenho econômico, este estudo formula três hipóteses centrais. A primeira (H1) pressupõe que a adoção de práticas ESG apresenta correlação positiva com a performance financeira das empresas do setor de energia no Brasil, indicando que políticas ambientais, sociais e de governança contribuem para maior estabilidade e rentabilidade. A segunda hipótese (H2) considera que as empresas de energia renovável possuem maior aderência a critérios ESG e, conseqüentemente, alcançam melhor desempenho financeiro no longo prazo, quando comparadas às companhias tradicionais do setor. Por fim, a terceira hipótese (H3) propõe que tais empresas renováveis, por estarem mais alinhadas aos princípios de sustentabilidade e inovação, tendem a obter resultados mais sólidos e sustentáveis ao longo do tempo.

A relevância desta pesquisa decorre de sua contribuição tanto para o meio acadêmico quanto para o setor empresarial e a sociedade em geral. Do ponto de vista científico, o estudo amplia o debate sobre a relação entre práticas ESG e desempenho financeiro em mercados emergentes, fornecendo evidências empíricas que podem



subsidiar novas investigações e aperfeiçoar a compreensão teórica sobre o tema (Carvalho; Nakahodo, 2024). No campo empresarial, os resultados esperados podem oferecer suporte estratégico para gestores do setor energético, auxiliando na avaliação de investimentos sustentáveis e na elaboração de políticas corporativas que integrem responsabilidade social e rentabilidade econômica. Sob a perspectiva social, a pesquisa reforça a importância da adoção de práticas éticas e responsáveis, alinhadas ao desenvolvimento sustentável e à mitigação de impactos socioambientais negativos (Jesula; Silva, 2025). Além disso, o estudo dialoga diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Organização das Nações Unidas, em especial o ODS 7 – Energia limpa e acessível e o ODS 13 – Ação contra a mudança global do clima, consolidando-se como um trabalho aderente à agenda internacional de sustentabilidade.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar o impacto das práticas ESG na performance financeira de empresas de energia renovável e de empresas tradicionais do setor energético brasileiro. Especificamente, busca-se identificar os principais indicadores de performance financeira utilizados no setor, mapear as práticas ESG divulgadas pelas empresas em seus relatórios anuais e de sustentabilidade, comparar o desempenho entre companhias renováveis e tradicionais a fim de identificar padrões de correlação entre sustentabilidade e resultados econômicos, e discutir as implicações desses achados para gestores, investidores e formuladores de políticas públicas.

A pesquisa será conduzida por meio de análise documental e estatística dos relatórios financeiros e de sustentabilidade das empresas selecionadas, complementada por dados disponíveis em bases regulatórias e setoriais. Serão considerados indicadores financeiros consolidados, como Retorno sobre Ativos (ROA), Retorno sobre Patrimônio Líquido (ROE) e EBITDA, em correlação com métricas de sustentabilidade e governança extraídas dos relatórios ESG. Essa abordagem permitirá compreender de que maneira a integração de práticas ambientais, sociais e de governança reflete na geração de valor e no desempenho econômico do setor energético brasileiro.

2 Relação entre ESG e desempenho financeiro no setor energético

2.1 Conceito e evolução do ESG



O conceito de ESG (Environmental, Social and Governance) surgiu oficialmente em 2004, com o relatório Who ares Wins da ONU, que propôs integrar fatores ambientais, sociais e de governança nas decisões de investimento e empresariais.

Desde então, o ESG passou de um diferencial competitivo a um requisito estratégico indispensável nas corporações globais. Segundo Friede, Busch e Bassen (2015), mais de 90% dos estudos revisados indicam uma relação positiva entre práticas de ESG e desempenho financeiro, reforçando que a sustentabilidade corporativa agrega valor econômico no longo prazo.

Autores como Porter e Kramer (2006) defendem que a incorporação da sustentabilidade às estratégias de negócio gera valor compartilhado, conceito que alia lucratividade à contribuição social e ambiental. Já Hart e Milstein (2003) destacam que as empresas que internalizam a sustentabilidade como parte da visão de futuro conquistam vantagem competitiva sustentável, pois reduzem riscos, inovam e fortalecem sua reputação perante o mercado.

No contexto brasileiro, a criação do índice de sustentabilidade empresarial (ISE) pela B3, em 2005, consolidou o movimento de incorporação dos critérios ESG em práticas corporativas. Para Vieira e Soares (2022), o ISE contribuiu para amadurecer a discussão sobre transparência e responsabilidade social no mercado nacional, pressionando empresas a adotarem indicadores de sustentabilidade verificáveis. Portanto, o ESG evoluiu como uma abordagem que redefine a relação entre desempenho econômico, ética corporativa e impacto socioambiental, além de responder as exigências regulatórias.

De modo geral, os resultados da literatura sugerem que o ESG tenha potencial para se tornar um diferencial competitivo no setor energético. A convergência entre responsabilidade socioambiental e rentabilidade reflete uma mudança de paradigma, na qual as práticas sustentáveis deixam de ser custo e passam a representar vantagem estratégica. Esses achados fortalecem a hipótese de que empresas de energia renovável mais alinhadas às demandas ambientais e sociais podem alcançar melhor desempenho financeiro de longo prazo em comparação às tradicionais.

2.2 ESG no setor energético brasileiro



O setor energético brasileiro desempenha papel crucial na transição para uma economia de baixo carbono. Por sua relevância estratégica e incentivo uso de recursos, ele está no centro do debate sobre sustentabilidade e responsabilidade corporativa. Segundo Müller e Silva (2023), empresas de energia elétrica com maior aderência a práticas ESG apresentaram melhor desempenho em indicadores de rentabilidade e liquidez, o que indica que a sustentabilidade pode coexistir com eficiência financeira.

Por outro lado, Carvalho e Nakahodo (2024) destacam que companhias tradicionais, baseadas em combustíveis fósseis, ainda concentram a maior parte dos investidores e receitas do setor, o que lhes confere vantagem em escala e estrutura de capital. No entanto, essas empresas enfrentam crescente pressão regulatória e social para reduzir emissões e adotar práticas transparentes de governança ambiental.

De acordo com Vieira e Soares (2022), as empresas de energia renovável, especialmente as que atuam com fonte solar e eólica, vêm ganhando espaço por alinharem sua atuação ao objetivo de desenvolvimentos sustentável (ODS) 7 – Energia limpa e acessível, proposto pela agenda 2030 da ONU. Essa transição energética representa tanto uma oportunidade de inovação e crescimento quanto um desafio de competitividade e retorno financeiro.

É válido compreender que a correlação entre desempenho ESG e performance financeira nesse setor é vital para avaliar a viabilidade econômica da sustentabilidade e servir como base para decisões estratégicas de investimento e gestão no Brasil.

2.3 ESG e performance financeira nas organizações

A relação de ESG e desempenho financeiro é objeto de ampla investigação científica. De acordo com Khan, Serafeim e Yoon (2016), empresas que investem em práticas sustentáveis materialmente relevantes ao seu setor apresentam resultados financeiros superiores, com menor custo de capital e maior estabilidade em períodos de crise.

No Brasil, Carvalho e Nakahodo (2024) identificaram uma correlação positiva entre altos índices ESG e desempenho econômico em empresas listadas na



bolsa de valores, demonstrando que práticas ambientais e de governança fortalecem a confiança de investidores e o valor de mercado. Na mesma linha, Jesuka e Silva (2025) verificaram que companhias com políticas de inovação verde e melhor desempenho ESG apresentam estrutura de endividamento mais saudável, refletindo maior credibilidade junto ao sistema financeiro.

Para Müller e Silva (2023), a adoção de boas práticas de governança corporativa (pilar central do ESG) favorece a eficiência operacional, reduz fraudes e amplia o retorno sobre capital investido (ROIC). Além disso, a transparência e a ética na gestão empresarial influenciam diretamente a percepção de risco e custo de financiamento, consolidando o ESG como variável estratégica da performance organizacional.

Entretanto, Nicolás et al. (2023) alertam que a simples adesão formal ao ESG, sem integração real à cultura organizacional, tende a gerar resultados superficiais ou inconsistentes. Dessa forma, o impacto financeiro positivo depende do alinhamento entre propósito, práticas e mensuração efetiva dos resultados sustentáveis.

3 METODOLOGIA

Buscando uma compreensão aprofundada da problemática apresentada, formulou-se a questão de pesquisa com clareza e precisão, de modo a orientar a seleção dos métodos e instrumentos mais adequados à análise da relação entre práticas ESG (Environmental, Social and Governance) e performance financeira no setor de energia brasileiro. A pesquisa caracteriza-se por possuir natureza descritiva, uma vez que busca identificar e descrever os padrões de comportamento das empresas de energia tanto tradicionais quanto renováveis em relação à adoção de práticas sustentáveis e seus reflexos econômicos (Gil, 1999; Dencker, 2000). Além disso, apresenta caráter exploratório, pois pretende ampliar o entendimento sobre um fenômeno ainda recente e em constante transformação no contexto empresarial nacional.

A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a análise interpretativa dos dados e informações obtidos, considerando o contexto social, econômico e ambiental no qual as organizações estão inseridas. Conforme destaca Gil (1999), esse tipo de abordagem valoriza o processo de compreensão dos significados atribuídos



pelos sujeitos e pelas instituições às suas práticas, permitindo uma leitura mais ampla dos fenômenos estudados. Assim, a pesquisa busca compreender como as políticas e indicadores ESG são incorporados às estratégias corporativas e de que forma se relacionam com o desempenho financeiro das empresas analisadas.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa assume as formas bibliográfica e documental. A etapa bibliográfica envolveu a coleta e análise de artigos científicos, dissertações e relatórios institucionais que abordam as temáticas de sustentabilidade corporativa, responsabilidade socioambiental e desempenho financeiro. Já a etapa documental concentrou-se na análise de relatórios de sustentabilidade, demonstrações financeiras e indicadores ESG divulgados por empresas do setor energético brasileiro, disponíveis em bases públicas, como o site da B3 (Brasil, Bolsa, Balcão), bem como em repositórios institucionais e plataformas de divulgação de dados corporativos. As buscas foram realizadas nas bases SciELO, Google Acadêmico e Banco de Teses e Dissertações (BTDB), utilizando descritores como “ESG”, “sustentabilidade corporativa”, “setor de energia”, “empresas renováveis” e “performance financeira”, combinados pelo operador booleano AND.

A amostra é composta por empresas atuantes no setor energético brasileiro, selecionadas a partir de critérios de relevância de mercado e disponibilidade de relatórios ESG e financeiros no período de 2020 a 2024. Foram consideradas tanto empresas tradicionais, ligadas a fontes fósseis e modelos convencionais de geração, quanto empresas renováveis, com foco em energia solar, eólica e biomassa. Essa delimitação temporal e setorial visa refletir o cenário mais atual das práticas ESG no país, marcado pela consolidação de índices como o ISE (Índice de Sustentabilidade Empresarial) da B3 e pelo aumento da pressão regulatória e de investidores por transparência e responsabilidade socioambiental.

A análise dos dados será conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), buscando identificar e categorizar os principais temas e padrões recorrentes nas políticas corporativas e relatórios analisados. Essa técnica permite a interpretação sistemática das informações coletadas, relacionando-as às hipóteses e aos objetivos do estudo. Dessa forma, pretende-se compreender de que modo as práticas ESG se refletem na estrutura de governança, nas estratégias de investimento e na narrativa institucional das empresas, possibilitando uma leitura crítica sobre a integração entre sustentabilidade e desempenho financeiro no setor energético.



Por fim, ressalta-se que a pesquisa se baseia em fontes secundárias e respeita os princípios éticos da pesquisa científica. A triangulação entre a análise bibliográfica, documental e interpretativa busca garantir a consistência teórica e a credibilidade das conclusões, contribuindo para o avanço do debate sobre sustentabilidade corporativa e valor econômico em mercados emergentes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na análise documental e de conteúdo dos relatórios financeiros e de sustentabilidade referentes ao período de 2020 a 2024, foi possível identificar tendências relevantes sobre a relação entre práticas ESG e desempenho econômico financeiro no setor energético brasileiro. A pesquisa concentrou-se na comparação entre uma empresa tradicional de Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras) e uma empresa de energia renovável Serena Energia S.A., ambas selecionadas em razão de sua representatividade de mercado e disponibilidade pública de informações.

A metodologia aplicada permitiu compreender de que forma os três pilares do ESG ambiental, social e de governança se manifestam de modo distinto entre empresas de natureza operacional e estrutural diversa. Enquanto companhias tradicionais apresentam maturidade em governança e resultados financeiros consolidados, as empresas de energia renovável destacam-se por maior aderência às práticas ambientais e sociais, refletindo o compromisso com a transição energética e a redução da pegada de carbono.

A Petrobras, em 2025, apresentou ROE de aproximadamente 26,6% e ROA próximo de 9,12%, evidenciando a força de sua estrutura de capital e o domínio de mercado. Contudo, tais índices não traduzem, necessariamente, uma governança ambiental eficaz, uma vez que a empresa ainda é amplamente dependente de fontes fósseis e enfrenta desafios relacionados à mitigação de emissões e à gestão de riscos reputacionais. A análise dos relatórios de sustentabilidade da estatal indica esforços crescentes na ampliação de investimentos em fontes renováveis, porém ainda de forma pontual, o que reforça a visão de Khan, Serafeim e Yoon (2016) de que o impacto financeiro positivo das práticas ESG depende da materialidade e consistência dessas ações dentro do core business da empresa.

Por sua vez, a Serena Energia S.A., voltada integralmente à geração



renovável (solar e eólica), apresenta estrutura de capital mais enxuta e indicadores financeiros ainda em consolidação. Apesar disso, destaca-se pela integração sistêmica dos pilares ESG à sua estratégia corporativa, com programas de inovação tecnológica, metas de neutralização de carbono e políticas de engajamento social nas comunidades onde opera. O foco da empresa em sustentabilidade como fator central de competitividade confirma a tese de Hart e Milstein (2003), segundo a qual organizações que internalizam a sustentabilidade na visão estratégica constroem vantagem competitiva sustentável e reduzem riscos de longo prazo.

Os resultados demonstram que as práticas ESG impactam de forma diferenciada a performance financeira, dependendo da maturidade operacional, da estrutura de capital e da natureza da atividade econômica. Empresas consolidadas e intensivas em recursos, como a Petrobras, possuem maior liquidez e retorno no curto prazo, mas enfrentam limitações estruturais para readequar seus modelos de produção às novas exigências ambientais. Já as empresas renováveis, ainda que apresentem desempenho financeiro inferior no momento, tendem a apresentar crescimento sustentável e maior resiliência a crises econômicas e reputacionais, em consonância com as conclusões de Friede, Busch e Bassen (2015).

Além disso, a análise dos relatórios revelou que a adoção efetiva de práticas ESG contribui não apenas para o desempenho econômico, mas também para a mitigação de riscos e fortalecimento da imagem institucional. A percepção positiva de stakeholders, investidores e consumidores é um ativo intangível que se converte, gradualmente, em valor de mercado e redução do custo de capital, como já demonstrado empiricamente por Carvalho e Nakahodo (2024). No contexto brasileiro, em que os mecanismos de governança e transparência ainda estão em consolidação, esse diferencial reputacional representa importante alavanca de competitividade.

Outro aspecto relevante observado é a diferença de intensidade e integração das políticas ESG. As empresas de base renovável tendem a articular suas práticas de sustentabilidade como parte intrínseca da operação, o que reflete coerência entre discurso e prática. Em contrapartida, companhias tradicionais frequentemente tratam o ESG de forma reativa ou periférica, como resposta a exigências regulatórias e pressões externas, e não como componente central do planejamento estratégico. Essa assimetria reforça o alerta de Nicolás et al. (2023) sobre o risco de superficialidade quando o ESG é adotado apenas como instrumento reputacional, sem alinhamento real à cultura organizacional.



No panorama nacional, a consolidação de índices como o ISE B3 (Índice de Sustentabilidade Empresarial) e o fortalecimento da agenda regulatória em torno da transição energética têm impulsionado as companhias a incorporar padrões de governança e transparência compatíveis com parâmetros internacionais. Esse movimento é reforçado por organismos como o IBGC (2024), que defendem o ESG como eixo de criação de valor de longo prazo. Todavia, a realidade brasileira ainda impõe barreiras como a escassez de capital verde, a falta de padronização nos relatórios de sustentabilidade e a dificuldade de mensurar o impacto real das ações ESG em pequenas e médias empresas.

Dessa forma, os resultados obtidos confirmam parcialmente as hipóteses iniciais deste estudo. Observa-se uma correlação positiva entre práticas ESG e desempenho financeiro (H1), embora o impacto se manifeste com maior intensidade no longo prazo. A H2 (empresas consolidadas mantêm vantagem financeira) também é corroborada, mas revela-se uma vantagem estrutural de curto prazo, que tende a ser reduzida à medida que as políticas ambientais se tornam mandatórias e o custo de não conformidade aumenta. Por fim, a H3 (empresas de energia renovável com maior aderência ESG apresentam desempenho sustentável superior) mostra-se plausível, reforçando o entendimento de que a sustentabilidade pode se traduzir em eficiência econômica, inovação e resiliência.

Em síntese, a discussão evidencia que a incorporação consistente do ESG nos processos decisórios e operacionais representa fator crítico de sucesso competitivo. No setor de energia, onde os impactos ambientais e sociais são expressivos, o ESG se consolida não apenas como diretriz ética, mas como determinante estratégico de perenidade corporativa. O futuro do setor energético brasileiro dependerá da capacidade das organizações de alinhar performance financeira e compromisso socioambiental, transformando o investimento em sustentabilidade em valor tangível, reputação sólida e vantagem competitiva duradoura.

A análise comparativa entre empresas tradicionais e renováveis do setor energético brasileiro evidencia que o ESG deixou de ser apenas um diferencial reputacional para se consolidar como variável estratégica de desempenho organizacional. As companhias que internalizam seus princípios de forma estruturada alinhando políticas ambientais, sociais e de governança à gestão financeira tendem a apresentar maior eficiência operacional, menor exposição a riscos e maior capacidade



de atração de investimentos.

O estudo revela ainda que, no contexto brasileiro, a relação entre ESG e performance financeira é condicionada à maturidade institucional das empresas. Organizações de grande porte, com histórico de governança e presença em mercados de capitais, demonstram maior capacidade de mensuração e divulgação de indicadores ESG, o que amplia a transparência e fortalece a confiança dos stakeholders. Por outro lado, as empresas de menor porte, especialmente as de energia renovável, carecem de estruturas padronizadas de reporte e acesso a instrumentos de financiamento sustentável, o que limita sua competitividade a curto prazo, mesmo que seu impacto ambiental seja significativamente menor.

Para gestores corporativos, os achados deste trabalho reforçam a necessidade de tratar o ESG como instrumento de gestão integrada, e não como política isolada ou mera obrigação regulatória. A implementação efetiva dessas práticas requer o estabelecimento de metas mensuráveis, governança robusta e cultura organizacional orientada para resultados sustentáveis. Já para investidores e agentes do mercado financeiro, o estudo indica que empresas com alto grau de comprometimento ESG apresentam maior potencial de valorização de longo prazo, em razão da redução de riscos reputacionais e do aumento da previsibilidade operacional.

Sob a ótica das políticas públicas e institucionais, os resultados apontam para a importância de incentivos fiscais, linhas de crédito verde e mecanismos de certificação ESG que estimulem a adesão de empresas de pequeno e médio porte às boas práticas de sustentabilidade. Esses instrumentos podem contribuir para reduzir a assimetria de informações e ampliar o alcance da transição energética no país, consolidando o Brasil como ator estratégico na economia de baixo carbono.

Em última análise, a consolidação do ESG no setor energético brasileiro depende de três eixos interdependentes: governança corporativa efetiva, capaz de garantir transparência e accountability; inovação e investimento contínuo em energia limpa, voltados à competitividade global; e educação corporativa e engajamento social, voltados à criação de valor compartilhado. Esses elementos, integrados, configuram o caminho para a construção de um setor energético financeiramente sólido, ambientalmente responsável e socialmente legítimo.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que a integração dos critérios ESG (Environmental, Social and Governance) à gestão empresarial representa não apenas uma exigência ética e regulatória, mas também um vetor potencial de geração de valor econômico no setor energético brasileiro. A análise comparativa entre empresas tradicionais e empresas de energia renovável demonstrou que, embora as primeiras apresentem maior rentabilidade no curto prazo em virtude da estrutura consolidada, do capital intensivo e do acesso facilitado a recursos financeiros, as segundas revelam maior alinhamento estratégico às práticas sustentáveis e às diretrizes internacionais de mitigação de impacto ambiental.

Constatou-se que o impacto das práticas ESG sobre o desempenho financeiro não é imediato, manifestando-se de forma mais consistente no médio e longo prazo, quando os investimentos em sustentabilidade passam a se traduzir em eficiência operacional, reputação corporativa e menor custo de capital. Essa constatação reforça a necessidade de que o ESG seja incorporado como pilar estratégico de gestão e não apenas como instrumento de marketing reputacional.

Do ponto de vista acadêmico, o estudo contribui para o avanço da literatura nacional ao oferecer evidências empíricas de um setor estratégico para a economia e para a transição energética do país. No plano empresarial, fornece insumos para que gestores e investidores compreendam o ESG como elemento de mitigação de riscos e de perenização do valor organizacional. Já sob a ótica pública, o trabalho reforça a importância de políticas de incentivo à sustentabilidade, principalmente para empresas de pequeno e médio porte, que enfrentam maiores restrições de capital e capacidade de investimento.

Como limitação, destaca-se o recorte temporal e amostral restrito, além da dependência de informações públicas divulgadas pelas próprias companhias, o que pode comprometer a comparabilidade entre os dados. Recomenda-se, portanto, que pesquisas futuras ampliem a amostra analisada, incorporem indicadores de endividamento, CAPEX e rating ESG de diferentes segmentos energéticos, bem como explorem o papel das políticas públicas e regulatórias no fortalecimento da governança sustentável.

Em síntese, a sustentabilidade corporativa deve ser compreendida como ativo estratégico. Empresas que internalizam o ESG em sua cultura e gestão tendem



a alcançar maior resiliência, reputação e desempenho econômico-financeiro sustentável, consolidando-se como protagonistas na transição para uma economia de baixo carbono e de maior responsabilidade social.

REFERÊNCIAS

CACISPAR. Administração financeira e sustentabilidade: a integração dos critérios ESG na gestão. 2024. Disponível em: <https://cacispar.org.br/artigo/administracao-financeira>. Acesso em: 12 set. 2025.

Carvalho, A.; Nakahodo, M. ESG Scores and Performance in Brazilian Public Companies. *Sustainability*, v. 16, n. 13, p. 5650, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su16135650>. Acesso em: 15 set. 2025.

IBGC – INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA. Criação de valor na empresa: o diálogo com as normas contábeis. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.ibgc.org.br/blog/criacao-valor-empresa-dialogo-normascontabeis>. Acesso em: 15 set. 2025.

IBS SISTEMAS. Tipos de empresas no Brasil e sua adaptação às demandas ESG. 2024. Disponível em: <https://ibssistemas.com.br/tipos-de-empresas-no-brasil>. Acesso em: 25 set. 2025.

Jesuka, D.; Silva, L. da. The Impact of Green Innovation and ESG Performance on Debt Structure in BRICS Countries. *Brazilian Business Review*, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bbr/a/YSn76V3xs6kPQtR49H9jSDx/>. Acesso em: 17 set. 2025.

Müller, M. K.; Silva, L. da. Análise comparativa do desempenho econômico-financeiro de empresas do setor de energia elétrica listadas na B3 quanto ao impacto da adesão de critérios ESG na gestão empresarial. *Revista Eletrônica de Ciências Contábeis*, 2023. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/contabeis/article/view/2742>. Acesso em: 19 set. 2025.

Nicolas, M. L. D. et al. ESG Reputation Risk Matters: An Event Study Based on Social Media Data. *arXiv*, 2023. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2307.11571>. Acesso em: 20 set. 2025.

REVISTA RI. ESG e atração de investimentos: a visão do mercado de capitais. Ed. 283, 2024. Disponível em: <https://www.revistari.com.br/283/2235>. Acesso em: 20 set. 2025.